

Ciências Biológicas no Brasil

A área das Ciências Biológicas foi representada na Conferência sobre Avanços e Perspectivas da Ciência no Brasil, América Latina e Caribe, realizada na ABC entre os dias 3 e 7 de dezembro último, pelos Acadêmicos Ângela Vianna-Morgante, do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da USP, Philip M. Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia ([INPA](#)) e Ana Maria Giuletti Harley, da Universidade Federal de Feira de Santana ([UEFS](#)).

O biólogo [Philip Fearnside](#) tratou dos serviços ambientais da floresta amazônica, destacando as prioridades para pesquisa e colaboração.

Para ele, é fundamental que todos compreendam que o desmatamento, seja para venda de madeira, para pasto ou agricultura, utiliza a região amazônica de forma muito menos rentável do que se for explorada na mesma área a sua biodiversidade, ou seja, a exploração do potencial da floresta em pé. “Ela desempenha funções ambientais como manter a biodiversidade e manter o ciclo hidrológico, que valem muito mais do que a madeira derrubada e vendida.”

O pesquisador destacou a importância da água. Fearnside apresentou uma simulação que mostra que a água de chuva que chega nas regiões Sul e Sudeste do Brasil é reciclada pela floresta. “Se essa área fosse desmatada haveria seca no Centro-Sul do Brasil, assim como na Argentina.”

O problema do desmatamento contribui muito para o efeito estufa, que afeta todos os serviços ambientais. Se o chamado arco do desmatamento for estendido em direção a Manaus, as perspectivas de aumento das emissões de carbono são graves. As consequências das mudanças climáticas para a floresta podem ser realmente catastróficas. Mapeamos atualmente 70.000 árvores para ver como reagem e se são preservadas. Cobrimos alguns metros quadrados com plástico para ver o que acontece, e com a consequente redução da água aumenta muito a mortandade das plantas.

Com relação à savanização, Fearnside disse que há 15 modelos diferentes sendo estudados, desde o mais otimista até o mais catastrófico. Mas até no mais otimista se vê o risco de savanização, principalmente na Amazônia oriental. O máximo de aumento de temperatura que poderia ser considerado não perigoso é de 2 °C. Mas tanto para destruir como para recuperar são necessários muitos anos. “O mais importante em relação à Amazônia é que é preciso começar a agir já”, concluiu o Acadêmico, lamentando a posição do Brasil em não aceitar o estabelecimento de nenhuma meta para a redução do desmatamento.

